

MISSIONÁRIAS ESPOSAS DE PASTORES: A INVISIBILIDADE DO MINISTÉRIO FEMININO NA ALIANÇA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL

MISSIONARY WIVES OF PASTORS: THE INVISIBILITY OF FEMININE MINISTRY IN THE ALLIANCE OF EVANGELICAL CONGREGATIONAL CHURCHES OF BRAZIL

Resumo

O presente artigo discute os ministérios femininos na Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (AIECB) focando a análise nas categorias de missionárias esposas de pastores. Para tanto, tomamos como fonte de informação o livro de biografias das pioneiras confeccionado pelo Departamento Feminino Nacional e entrevistas com missionárias atualmente em atividade. Chegamos à conclusão de que, na AIECB, quando a mulher acumula as tarefas de missionária e esposa de pastor, esta última identidade predomina sobre a primeira. Em outras palavras, no caso de missionária esposa de pastor, a identidade da mulher teologicamente apta para realizar determinadas funções teológicas desaparece completamente diante de sua identidade como esposa de pastor.

Palavras-chave: Congregacionalismo. Relações de gênero. Identidade feminina.

Abstract

This article discusses the feminine ministries of the Alliance of Evangelical Congregational Churches of Brasil (AIECB), focusing the analysis on the wives of missionary pastors. We took as an information source the biographies book of the pioneers printed by the National Feminine Department, alongside of interviews with missionary females currently in activity. We conclude that in the AIECB, the identity of “missionary pastor’s wife” dominates. That is, in the case of missionary pastor’s wife, the identity of a woman who is able to perform certain theological functions completely disappears, giving place to her identity as a pastor’s wife.

Keywords: Congregationalism. Gender relations. Female identity.

Lidiane C. R. de Araújo

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

E-mail: lidiane_marne@hotmail.com

Magnólia G. C. da Silva

Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFCG .

E-mail: magnoliagib@gmail.com

Introdução

No século XIX, com o movimento missionário que trouxe o protestantismo para o Brasil e para a América Latina em geral, mulheres protestantes passaram a abrir espaços para seus trabalhos missionários. Sem a opção do convento, como suas irmãs católicas, as mulheres protestantes teriam que buscar outras modalidades de ministérios.

Como no protestantismo¹ “mulheres solteiras raramente serviram como missionárias antes de 1860” (REYLE 1997: 182), as primeiras “missionárias” eram muito mais corretamente vistas como esposas de missionários ou pastores. Como observa Reyle, “a carreira da esposa do missionário (...) foi uma atraente opção para muitas protestantes na primeira metade do século XIX e também depois” (op. cit.). Reyle destaca algumas missionárias, esposas de missionários, que poderiam ser citadas como modelo da obra missionária e ministras de Deus, entre elas, a sra. Sarah Poulton Kalley – esposa do pastor Robert Reid Kalley (fundadores do Congregacionalismo brasileiro).

Apesar de todo trabalho missionário desenvolvido por Sarah Kalley nas igrejas congregacionais brasileiras, ela geralmente é lembrada por ser a esposa do pastor Robert Kalley e não a missionária Sarah. Sarah Kalley não foi um caso excepcional das missionárias esposas de pastor que têm seu trabalho visto apenas à sombra do seu marido. Na AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil)², ainda no presente, o número de missionárias que são também esposas de pastor é significativo. Todavia, seus ministérios, com raras as exceções, são lembrados em função dos maridos/pastores. Deste modo, são lembradas mais por serem a esposa do pastor “fulano de tal” do que pelo trabalho missionário

1 Reyle se refere ao protestantismo histórico na realidade de denominações como os batistas, os congregacionais e metodistas, por exemplo.

2 A AIECB é um dos ramos do congregacionalismo brasileiro. É uma denominação oriunda do protestantismo histórico que na década de 1960 pentecostalizou-se.

que desempenharam/desempenham.

Todavia, nas últimas décadas do século XX, as religiões sofreram fortemente os impactos do feminismo.³ Este mudou a prática religiosa das mulheres e influenciou o desenvolvimento de um novo discurso: a Teologia Feminista (Rosado, 2001: 79). Tal Teologia tem como objetivo “romper com as barreiras impostas pelo discurso teológico ocidental patriarcal” (Silva, 1994) e reconstruir a Teologia sobre novas bases (Furlin, 2011: 147).

Analisar o impacto do feminismo sobre os estudos de religião passa, de acordo com Rosado (op. cit.), obrigatoriamente pela referência ao que aconteceu, de início, no campo da Teologia cristã: “Creio ser possível afirmar que as análises feministas da religião tiveram início com o desenvolvimento de uma crítica interna à religião, feita por mulheres adeptas e praticantes da fé cristã” (Rosado, op. cit.). Assim, segundo ela, é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atua, de início, no campo religioso.

No caso protestante brasileiro a luta das mulheres teólogas está extremamente fundamentada na luta pelo ministério ordenado e pelo exercício pastoral (Rohden, 1997: 72). No caso das igrejas luteranas, por exemplo, sua teologia que se respalda no sacerdócio geral de todos os crentes dá às mulheres a fundamentação teológica necessária para o exercício do ministério pastoral (Jesus, 2003: 61).

Entretanto, nem todas as denominações protestantes têm a mesma compreensão. No caso da AIECB, as mulheres que se preparam teologicamente ainda não podem exercer o ministério pastoral. Tais mulheres são denominadas missionárias e podem

3 O conceito de feminismo aqui adotado refere-se a um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras, particularmente da dominação sobre a população feminina. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal (...). Considera que existe uma opressão específica a todas as mulheres, independente de classe social, raça/etnia, orientação sexual, faixa etária, origem geográfica, etc. (TELES, 2003:51).

exercer funções de auxílio nas igrejas. No entanto, há alguns anos, estas, têm lutado por direitos no interior da denominação eclesial. Contudo, tais reivindicações não se referem diretamente à pretensão de exercer o ministério pastoral. Elas reivindicam maior visibilidade aos seus trabalhos e maior atenção, por parte da hierarquia da denominação, ao suprimento de suas necessidades materiais, uma vez que desenvolvem trabalhos específicos no interior das igrejas da denominação e não recebem remuneração por tais trabalhos. Inseridas nesse contexto, as missionárias esposas de pastor têm ainda um agravante, uma vez que na denominação apresentada (AIECB) o trabalho das esposas de pastor, abrange diversos setores da igreja, e é encarado como uma obrigação desta, uma vez que ela é “a” esposa do pastor. Assim é que, no imaginário desta comunidade eclesial haveria funções e postos inerentes ao cônjuge do pastor.

Este texto discute a realidade das missionárias esposas de pastores da AIECB. O texto inicia-se com uma reflexão a partir da biografia de Sarah Kalley demonstrando a importância do seu trabalho missionário que a coloca muito além do designativo de “esposa de pastor”. Em seguida, a partir de informações contidas num livro de biografias confeccionado em 1997 pelo Departamento Nacional das Auxiliadoras Femininas da AIECB problematizaremos a representação existente na AIECB sobre as missionárias esposas de pastor. As sete missionárias biografadas são classificadas por nós segundo as categorias relacionadas ao tipo de relação conjugal na qual estão inseridas, ou seja: solteiras e casadas, sendo a segunda composta exclusivamente por missionárias casadas com pastores. Em seguida fazemos um contraponto entre os aspectos positivos ressaltados nas biografias das missionárias de ambas as categorias com os depoimentos de missionárias/esposas de pastor no contexto atual da denominação, com o objetivo de mostrar como estas são vistas e representadas.

Sarah Kalley: a missionária para além de esposa de pastor

Nascida em Nottingham, Inglaterra, em 25 de maio de 1825, Sarah Poulton Wilson era filha de Willian Wilson e Sarah Morley. Sua mãe morreu quatro dias após o seu nascimento, tendo ficado órfã (Cardoso, 2005: 80). Sarah ficou sob os cuidados de seus tios e avós do lado materno, a família Morley.

Aos dez anos de idade Sarah foi enviada a um internato (com rígidos princípios puritanos) que ficava localizado próximo à cidade de Fairfield, onde morava sua avó paterna. Sarah passou seis anos na instituição preparando-se para o exercício de seus futuros ministérios: pianista, musicista, pintora, poetisa e poliglota, e tinha muita habilidade para ensinar (Cardoso, 2001: 100).

Seu primeiro ministério foi na Igreja Congregacional de Torquay, Inglaterra, onde seu pai era um dos principais líderes leigos não-conformistas. Em Torquay Sarah era professora dos adolescentes na escola dominical. Trabalhava com missões: “criou em Torquay uma oficina de costura para senhoras, que, além de servir para ensinar a costura às mulheres, com a produção obtida supria necessidades dos campos de missões” (Cardoso, 2005: 92). Dirigia uma classe de música.

Em 1855, após o casamento com o missionário Robert Reid Kalley, o casal assume novo campo missionário, o Brasil. Aqui, logo ao se alojarem em Petrópolis, Sarah, que fora entusiástica e líder do movimento de Escola Dominical em Torquay, Inglaterra, e como musicista, “deu início a aulas de Escola Dominical e de canto. Sua primeira aula de Escola Dominical em ‘Gerheim’, (...) foi na tarde do domingo de 19 de agosto de 1855” (Hahn, 1989: 141).

Dada a importância da Escola Dominical na evangelização do Brasil, esse fato, por si só, já seria suficiente para realçar a obra missionária de Sarah (Reyle, 1997: 189). De acordo com Cardoso (2005):

O ministério de Sarah na Escola Dominical, desde o início em Gerheim (1855) [Petrópolis] (...) foi altamente criativo e totalmente independente de seu marido. Seus modelos de controle, de estímulos, de acompanhamento dos alunos e treinamento de professores foram assimilados na reestruturação de 1871 (Cardoso, 2005: 193-194).

Mas engana-se quem vê em Sarah Kalley apenas a iniciadora da Escola Dominical no Brasil, seu ministério foi muito mais abrangente. Assumiu a direção do ministério de colportagem, preparava sermões para serem lidos no púlpito pelos presbíteros da Igreja e, até mesmo, para o Sr. Kalley (Cardoso, 2005: 205-208). Preparava textos que eram utilizados como folhetos evangelísticos, fosse escrevendo-os, fosse traduzindo-os. Escreveu o livro *A Alegria da Casa* (Kalley, 2005) no esforço de facilitar o trabalho de colportagem (Cardoso, 2005a: 14). Também fez do seu saber musical um importante ministério, “sendo o *Salmos e Hinos* a sua principal obra, o mais antigo hinário evangélico em língua portuguesa” (Reyle, 2007: 189). Esse hinário tem um total de 608 hinos, 169 destes são traduções e composições de Sarah, e 13 de Robert Kalley (Reyle, 1989: 190). O “Salmos e Hinos” permaneceu o mais popular hinário utilizado por todas as denominações no Brasil até a metade do século XX (Hahn, 1989: 150), ainda hoje presente em muitas igrejas evangélicas.

Além disso, desafiando os costumes da sociedade brasileira da época, que não permitia à mulher associar-se ou participar de reuniões sem um de seus responsáveis (pai, marido ou irmãos), Sarah formou a primeira “sociedade de mulheres (ou senhoras)”. A formação da primeira “Sociedade de Senhoras” ganha relevância, visto que foi iniciada num período em que o preconceito cultural alijava as mulheres de sua cidadania. Para Cardoso, a simples existência da “Sociedade de Senhoras” caracterizava uma transgressão das normas aceitas e consagradas no consciente coletivo da sociedade luso-brasileira, matriz da Igreja Evangélica Fluminense (Cardoso,

2005: 218). Em sua opinião, Sarah agia como agente do processo civilizador anglo-saxão.

No entanto, apesar de toda uma vida dedicada à obra missionária, seja antes do casamento em sua cidade Torquay, Inglaterra, e depois, lado a lado com seu esposo, a missionária Sarah Kalley é lembrada quase sempre pelo designativo de “esposa de pastor”. Seu ministério missionário foi ofuscado à sombra do trabalho do seu marido.

Sarah Kalley não é um caso excepcional entre as missionárias esposas de pastor cujo trabalho é visto apenas como um desdobramento da função do seu marido. Na AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil), vertente evangélica originária do trabalho de Robert e Sarah Kalley, o número de missionárias que são também esposas de pastor é significativo. Estas, entretanto, em sua quase totalidade, são lembradas apenas como a “esposa do pastor” e não como uma missionária, qual seja, mulher vocacionada e teologicamente preparada para desenvolver um trabalho teológico específico em sua comunidade eclesial.

Tal ideia encontra respaldo a partir da análise de um livro de biografias de missionárias da denominação e de entrevistas como veremos a seguir.

Um livro de biografias: as missionárias/esposas de pastor pioneiras da AIECB

No livro de biografias (1997) confeccionado pelo Departamento Nacional Feminino da AIECB, encontramos o relato da atuação de sete missionárias que, a partir de suas natalidades (entre 1925 a 1942) e ingresso em seminários (entre 1943 a 1965), denominamos “as pioneiras”. Neste livro, (embora não esteja assim dividido) as missionárias biografadas podem ser classificadas em duas categorias, as quais se dão a partir das relações conjugais: missionárias solteiras e missionárias casadas. Este último grupo, no entanto, é composto por missionárias casadas com pastores (ou, na época, candidatos ao pastorado).

De acordo com seus próprios testemunhos, todas as missionárias biografadas, solteiras ou casadas, foram em algum momento das suas vidas, “chamadas”, “vocacionadas” por Deus para desenvolver um trabalho específico no seu Reino. Porém, dependendo da situação conjugal na qual está enquadrada, há diferenças no modo como são vistas e representadas. Há especificidades relativas a cada categoria.

Na opinião de Meer, se o tema da mulher no ministério é um assunto que ainda desperta preconceitos, a mulher solteira no ministério é tema ainda mais delicado (Meer, 2009: 52). De acordo com a referida autora, uma dificuldade para a mulher solteira no ministério é que, geralmente, a liderança é masculina, mesmo quando se trata de homens menos experientes e menos maduros. “Parece que a mulher solteira é sempre vista como uma pessoa útil, mas incapaz de liderar” (Meer, 2009: 53). O que vemos, no entanto, é que as missionárias solteiras são bem ativas no contexto da igreja local. Como nos lembra Meer, há muitas delas plantando igrejas nos sertões do Brasil, fazendo o trabalho mais duro de colocar os fundamentos. Todavia, e isto é uma realidade, quando surgem condições mínimas de organizar a igreja, um pastor assume. Então, elas começam de novo um ministério pioneiro em outro local difícil e carente. (op. cit.).

No caso da AIECB, percebemos que nas biografias das missionárias solteiras são enumerados os lugares e/ou os departamentos dentro das igrejas nas quais trabalharam – uma lista grande. Sem a sombra de um homem (e neste caso, um pastor como esposo) que, de certa forma, termina por “secundarizar” ou ofuscar a visibilidade do trabalho missionário desenvolvido pelas mulheres para além da esfera doméstica. Estas missionárias estiveram presas apenas ao “ide” ordenado por Jesus. Duas delas não se prenderam aos limites denominacionais da AIECB ou mesmo do Congregacionalismo, e galgaram outros campos. Qual não é o espanto do(a) redator(a) da biografia da missionária que atuou nacional e

até internacionalmente à frente do Instituto Betel Brasileiro: “Deus usando uma mulher”! Como assevera Meer (2009: 57), “em nenhum lugar o Novo Testamento sugere que Deus dá dons com base no sexo da pessoa ou em seu estado civil”. Mas, ainda há espanto quando uma mulher realiza um grandioso trabalho!

Pelo que apreendemos na pesquisa, este espanto quanto à grandiosidade do trabalho liderado por uma mulher se dá, em primeiro lugar, porque no imaginário corrente dos adeptos da AIECB, as mulheres são vistas como auxiliaadoras; ajudadoras dos homens, no caso das missionárias, auxiliares dos pastores. De acordo com a Constituição da AIECB, um dos deveres da missionária é exatamente “auxiliar o Pastor no governo espiritual da Igreja local” (CONSTITUIÇÃO DA AIECB, 2011: 20). Não que o trabalho de auxiliar os pastores não seja um trabalho digno e honroso. Todavia, parece que dentro desta instituição evangélica, as mulheres e, em particular, as missionárias, não são capazes de desenvolver seus ministérios sem o auxílio de um homem. Uma missionária da AIECB que cognominamos Luana, certa feita me relatou que ouviu de um dos pastores da instituição que “missionária é o capacho do pastor”. Já a missionária cognominada Silmara nos relatou que ouvira de um pastor que “missionária serve para auxiliar pastor trabalhando no Departamento Infantil, cortando papel”.

Mas já os comentários emitidos sobre a atuação das missionárias pioneiras solteiras na biografia são diferentes. Suas biografias mostram que elas não são representadas apenas a partir do epíteto de “rainhas do lar”, uma vez que não eram casadas – embora, com toda certeza também se ocupassem com afazeres domésticos. Mesmo assim, são descritas com adjetivos como “ativa”, portadora de capacidades de desbravamento e liderança, etc. É provável que essa postura tenha sido influenciada pela interpretação da visão do apóstolo Paulo quanto às mulheres e seu envolvimento nos trabalhos da Igreja. Em 1 Coríntios

7, Paulo deixa clara sua preferência ascética pelo estado de não casado(a). Nessa passagem, o apóstolo atribui especial santidade à mulher não casada e à virgem, porque ela não foi tocada pelo homem. Por outro lado, em 1 Coríntios 14:34, argumenta contra a participação ativa no culto por parte das esposas.

Porém, na realidade das missionárias casadas em geral, como das casadas com pastores, o trabalho é igualmente árduo e ativo nas igrejas. Todavia, essa participação é “ofuscada” pela figura do esposo. Nestes casos, são as funções de esposa e mãe que se destacam, em detrimento de suas atividades como missionária, por mais criativas e importantes que estas possam ter sido, como se pode constatar no seguinte relato biográfico sobre uma das missionárias/esposas de pastor.

(...) era boa mãe fiel e dedicada. Era uma esposa exemplar, nunca deu um desgosto ao seu esposo em área nenhuma de sua vida. Era muito econômica, hospitaleira, modesta, tratável, cheia de bons frutos, desprovida de vaidade, e acima de tudo, amorosa... (...) nunca criou uma dificuldade qualquer para o seu esposo como pastor, intervindo direta ou indiretamente no desempenho do seu árduo ministério pastoral. O que fez como Missionária e esposa foi tão somente para ajudá-lo (Departamento Nacional Feminino da A.I.E.C.B., 1997).

Estes relatos biográficos corroboram a afirmação de Beauvoir, segundo a qual, “quando a mulher passa pelo ritual do casamento, inquestionavelmente, ela passa a viver a vida do seu marido”... (Beauvoir, 1980: 169).

O casamento, embora vivido e reinterpretado de várias formas na sociedade atual, devido, sobretudo, às exigências da evolução econômica, ainda é uma questão paradigmática. “O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento”. “Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser” (Beauvoir, 1980: 165).

Para Rocha (2008: 41) “é sempre o paradigma do casamento que orienta não só as definições morais sobre a mulher na sociedade, mas também, os papéis tradicionalmente atribuídos a elas”. A questão ainda é mais forte entre os protestantes. Segundo Pinezi, este valor está relacionado à “importância do casamento [que] é frisada também por meio de uma visão espiritualizada extremamente presente no grupo religioso. A relação homem/mulher, no casamento, é comparada à relação Cristo/igreja” (Pinezi, 2004: 192).

No caso das mulheres que se especializaram para desenvolver um ministério na “obra de Deus” como missionárias na AIECB, quando casadas, e mais especificamente casadas com pastores, seus ministérios parecem se voltar à família e à igreja, contudo, na igreja não são vistas primordialmente ou igualmente como missionárias, mas como esposas de pastor. Nas palavras de Fonseca, tornam-se “esposas da igreja”, a mulher missionária “perde sua identidade como pessoa, para cumprir um papel em que todos [os crentes da sua comunidade] têm uma opinião acerca do que deve ser ou fazer” (Fonseca, 2009: 109). Esses dois ministérios, quais sejam, esposa de pastor e missionária, de acordo com uma das entrevistadas cognominada Isaura, não são reconhecidos na AIECB.

Como esposa do pastor, como salienta Rocha (2008: 44), a mulher é muitas vezes conhecida apenas por essa nomeação. É a “mulher sem nome” (Dusilek, 2003). A ela, em geral, não é permitido ser distintamente, esposa, ou somente mulher, ou missionária. Sua identidade como pessoa e como missionária é subsumida à sua condição de esposa do pastor.

Como esposa de pastor, a comunidade espera dela:

disposição para ouvir as pessoas, sorrir para elas, orar por elas, vestir-se conforme a comunidade religiosa elege como ideal, acompanhar o marido em todas as visitas pastorais, estudos bíblicos e cultos, se portar ‘submissamente’ diante de todos/as, ter filhos, ser sempre amável, ser a primeira a chegar na igreja e a última a sair (...) (Rocha, 2008: 45).

Além de tudo isso, espera-se que ela seja atuante na igreja e trabalhe arduamente ao lado do seu marido. E essa atuação, na maioria das igrejas da AIECB, inclui a cobrança para que a esposa do pastor seja a presidente do Departamento de Mulheres e/ou do Departamento Infantil. A missionária e esposa de pastor cognominada Isaura, em uma de suas ministrações dirigidas às missionárias da AIECB, também constatou esse fato. Segundo ela, a primeira coisa que a mulher do pastor deve ser, para os membros da Igreja, é presidente da Auxiliadora Feminina ou do Departamento de Mulheres: “Nós temos que fazer porque somos esposa do pastor, mas não há uma valorização dela enquanto missionária. Isso não existe de forma alguma”, desabafou ela.

As missionárias e esposas de pastores cognominadas Amanda e Carmem também se queixam das pressões que as igrejas exercem para que elas sejam esse “tudo para todos” nas suas igrejas, o que muitas vezes as levam a uma espécie de cansaço, pois, como nos disse Amanda, “as pessoas se sentem no direito de comentar a roupa que eu visto, se o sapato é novo, se minha aparência está boa ou não, o que falo ou deixo de falar, mas, como missionária, nunca me valorizaram como deveriam”.

Como esposa de pastor, Fonseca (2009) já nos dizia que entre os ossos do ofício estão ouvir os comentários e a opinião de muitas pessoas da igreja sobre sua própria vida. E o pior, segundo ela, é não ter o direito de revidar, porque é “a esposa do anjo da igreja” (Fonseca, 2009: 111).

Ser missionária na AIECB: a atualidade

Visto que na atualidade muitas missionárias da AIECB são casadas com pastores, por ocasião do XV Congresso do DEMIC (Departamento de Missionárias Congregacionais), em 2010, houve uma plenária específica para estas. O tema proposto foi: “Cuidando de quem cuida”. O objetivo era trazer uma palavra de ânimo às esposas de pastores (cuidadoras

daqueles que cuidam das Igrejas), uma vez que as esposas de pastores são muito cobradas em todas as áreas de suas vidas.

A palavra foi ministrada por uma “esposa de pastor”. Durante toda a ministração, ela destacou que a mulher, esposa do pastor, deve auxiliar o marido no seu trabalho e, não ser mais uma pessoa, como tantas na igreja, que o cobram. Deste modo, a mulher do pastor deve estar sempre pronta a ter uma palavra de consolo e ânimo para o marido/pastor e, nunca cobrá-lo por sua ausência em casa, ou na educação dos filhos. A esposa do pastor, nas palavras da ministrante, na maioria das vezes, é ela própria mais um motivo de preocupação para seu marido/pastor, pois ao invés de estar sempre pronta a ajudá-lo (seja dando uma palavra quando ele precisa; seja não cobrando sua presença tanto em casa; seja não exigindo coisas materiais que ele não pode dar – embora quisesse fazer isso –, seja não o incomodando ou deixando os filhos interrompê-lo nos momentos de estudos) ela o preocupa ainda mais e não cumpre o objetivo de fazer para ele um lar tranquilo.

Talvez a ministração supracitada se dê pelo reconhecimento das queixas da maioria das esposas de pastores quanto aos “ossos do ofício”. Analisando a realidade da Assembléia de Deus - Madureira, Bandini nos diz que “a subjetividade religiosa construída para as mulheres *esposas de pastores* resulta na identificação de *mulheres revoltadas*” (Bandini, 2008: 199 – grifos da autora). No caso da AIECB constatamos também as queixas, as reclamações das esposas de pastores, as quais, na grande maioria, coincidem com as apresentadas no trabalho de Bandini (op. cit.).

- ✓ o marido não tem um dia de folga por semana
- ✓ o marido não tem tempo para os filhos e netos
- ✓ o pastorado impede o marido de [se] reunir com a família
- ✓ o marido não tem hora fixa para chegar em casa à noite

✓ não querem que os pastores viajem em hipótese alguma sem elas. (Bandini, 2008: 200).

Depois da supracitada ministração, algumas esposas de pastor e missionárias se sentiram por demais ofendidas e expuseram que não se reconheciam nessa posição. Ao contrário, lembraram tudo o que têm que passar cotidianamente “por amor ao esposo/pastor”, simplesmente pelo fato de serem “esposas de pastores”, pois, como relatou a esposa de pastor e missionária cognominada Rafaela, “na grande maioria das vezes não somos valorizadas nas igrejas, que exigem que sejamos modelos em tudo, jogando um fardo muito pesado em nossas costas”.

Outro ponto polêmico na referida plenária que dividiu as participantes presentes foi a afirmação da ministrante de que “o ministério do marido/pastor deve ser o ministério da sua esposa”. Algumas concordaram com a afirmação, muitas, no entanto, contestaram, como Rafaela: “se Deus me vocacionou para ser missionária é porque Ele tem um ministério próprio para mim, e isso não quer dizer que eu não vá ajudar ou participar do ministério do meu marido”. Até porque, seu próprio ministério já se dava antes mesmo do casamento, como acontece com muitas.

É interessante observar que muitas missionárias se reconhecem como agentes da história. Reivindicam um ministério que é seu. Pessoal. Dado exclusivamente a ela, embora o seu marido desenvolva um ministério paralelo e do qual, elas não se eximem, também, de realizar. Todavia, suas atividades não se limitam a participar do ministério do esposo.

Na AIECB ainda há o agravante de que, não importa a função que a mulher ocupe, seja a de esposa de pastor ou a de missionária, ou ambas, qualquer trabalho por ela executado possui menor valor do que o trabalho executado pelo homem.

De fato, como salienta Rocha (2008: 45), a mão de obra gratuita das esposas dos pastores e, aqui acrescentamos, também das missionárias, está presente na maioria das igrejas - em nosso caso

particular, nas igrejas da AIECB.

Fonseca cita uma piada, em forma de classificado, sobre “esposa do pastor” e, no caso da AIECB, ela serve também para as missionárias, principalmente quando esta é, também, esposa de pastor. Vejamos:

VAGA: Esposa de pastor. Procura-se uma mulher que seja solista e corista, toque piano, saiba ensinar na EBD [Escola Bíblica Dominical], seja capaz de dirigir o trabalho com adolescentes, aceite ser a líder das mulheres na igreja, esteja preparada para dirigir os programas especiais da igreja (Natal, Páscoa e outros), conheça a Bíblia de cor e salteado, seja uma dona de casa impecável, hospede outros pastores e missionários em casa, prepare chá, jantar, almoço para vários grupos e organizações da igreja, seja uma mãe exemplar com filhos angelicais, atue como motorista para passeios e eventos externos da igreja, seja apta para pregar em cultos ao ar livre, cuide bem da vida espiritual, emocional, material e física do marido. É necessário que ela seja uma pessoa sorridente, extrovertida, pacificadora e pronta para trabalhar 24 horas por dia, às vezes com pessoas problemáticas, confusas e exigentes. Salário: R\$0. (Fonseca, 2009: 109).

Como observa Fonseca (op. cit.), “como piada, dá pra rir! Como realidade, dá pra chorar”. Essa mulher perfeita não existe (DUSILEK, 2003:23). O fato é que a realidade de muitas missionárias e esposas de pastor – apesar das recompensas que elas dizem ter – não deve ser fácil.

Ministérios femininos na perspectiva do Presidente da AIECB

Em pregação no 15º Congresso do Departamento de Missionárias da AIECB (setembro de 2010, Aldeia, PE), o presidente da instituição, a partir do texto de Hebreus capítulo 11, versículos 11, 31 e 35, expôs sua visão sobre os ministérios femininos.

Hebreus 11 fala sobre “a fé exemplar dos antigos”. Nesta passagem são citados os nomes de duas mulheres (Sara e Raab) e, genericamente o termo

“algumas mulheres”. Neste texto, o pastor isola os versículos que citam os nomes de mulheres (11, 31 e 35) e procura trazer, de acordo com suas palavras, “três verdades para o ministério da mulher”, em particular da mulher Congregacional da AIECB.

Sua pergunta inicial é: “Porque o escritor de Hebreus só cita o nome de duas mulheres?” Ele responde à questão esboçando a vida e o ministério das duas mulheres citadas, extraindo lições que sirvam de exemplo para as mulheres da AIECB hoje.

Primeiramente Sara (versículo 11). Sara, de acordo com os relatos bíblicos, era a esposa do patriarca Abraão. Estéril, não conseguia dar um filho ao seu marido. Já na velhice, de acordo com o relato bíblico, Abraão recebeu a promessa de ter um filho e dele ter uma descendência “mais numerosa que os astros no céu”: os hebreus. Apesar da incredulidade de Sara – que em determinado momento tomou sua empregada (Agar) para coabitar com seu marido, a qual, desse relacionamento concebeu Ismael – na velhice, concebeu Isaac (o filho da promessa).

Apresenta-se, assim, o primeiro ministério da mulher. Para o presidente da AIECB, Sara recebeu o ministério de ser mãe, uma vez que ela era, de acordo com os relatos bíblicos, estéril e idosa. Com base no exemplo de Sara, sustenta que “o ministério da mulher começa, principalmente, no âmbito familiar, antes do âmbito clerical, eclesial”. Segundo ele, “quando se pensa em ministério feminino, a família não pode ficar em segundo lugar”. E conclui: “Sara cumpriu seu referencial como mãe e, também, como esposa”. Desse modo, a primeira coisa que a mulher deve fazer é “redescobrir o impacto do seu ministério a partir do contexto familiar”. São esses, pois, os modelos referenciais (mãe e esposa) primeiramente ensinados pela AIECB às mulheres.

O segundo exemplo feminino que ele toma do livro de Hebreus para abstrair uma verdade para as missionárias da instituição é Raab.

Raab era uma prostituta. Mas o exemplo abordado pelo pastor advém das escolhas que ela fez e que

agradaram a Deus. Mesmo não sendo judia, no cerco dos israelitas a Jericó, Raab os ajudou a espiar a cidade, dando-lhes guarita em sua casa e, por isso, juntamente com sua família foi poupada da morte na invasão dos israelitas. Assim, ela é colocada no rol dos “heróis da fé” de Hebreus 11. Nas palavras do pastor, Raab é um exemplo porque “foi uma pessoa que teve fé e cuja fé não é morta”. Deste modo, “ela foi justificada”. Na interpretação do pastor, Raab foi hospitaleira. Logo, para ele, o seu ministério acontece a partir de coisas simples: dar água, café, acolhimento aos servos de Deus que necessitam. A partir do exemplo de Raab, ele propõe que as mulheres da AIECB redescubram o impacto do seu ministério a partir dessas pequenas coisas que foram construídas como sendo “ações e atos femininos”, tais como: cuidar da casa, dos filhos, do marido, e do serviço aos outros. Ser acolhedora. Abrir sua casa para acolher os “filhos de Deus” que “necessitem”. Como lembra Souza (2003: 22), a atribuição destas responsabilidades à mulher “é resultado de uma ‘ideologia de gênero [que] insiste em afirmar o homem como aquele a ser servido e a mulher como um ser a serviço dos outros”.

Por fim, o ministrante propõe que as mulheres, e em particular as missionárias da AIECB, redescubram o impacto do seu ministério como uma missão dada por Deus: “o ministério se torna realidade quando se tem convicção de que você o recebeu por Deus”. Desse modo, para ele, a mulher pode também servir a Deus na igreja, a partir de seu ministério específico. Entre os ministérios que ela pode exercer na igreja, ele cita: “ensinar crianças, ensinar adolescentes, jovens, auxiliar os pastores”. Ou seja, o ministério missionário feminino, na AIECB, é prescrito em funções de auxílio às igrejas. Como já percebera Carmo (2004), na AIECB, “os papéis sociais ainda são bem definidos e isto se expressa nas intervenções e limitações feitas à mulher”. Portanto, o ministério feminino deve estar confinado ao berçário, a ensinar criancinhas, adolescentes ou jovens, ou a ensinar em classes de mulheres ou ainda, a auxiliar nos

ministérios dos pastores – em muitos casos, seus maridos.

Considerações Finais

O trabalho das mulheres missionárias dentro das igrejas da AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil) é apresentado pela denominação como um trabalho de auxílio. De acordo com o atual presidente as missionárias podem “ensinar crianças, ensinar adolescentes, jovens, auxiliar os pastores”. Também faz parte desse ministério, no caso das casadas, ser esposa e mãe. Para todas, em concomitância com o exemplo de Raabe, ser hospitaleiras e abrir suas casas aos que necessitem de hospedagem. Como assevera Carmo (2004), na AIECB “os papéis sociais ainda são bem definidos e isto se expressa nas intervenções e limitações feitas à mulher”. No caso

da missionária que é também esposa de pastor ainda há o agravante de que pelo fato de ser casada com o “anjo da igreja” é imputado sobre ela, quase sem escapatória, funções de direção do grupo de mulheres e crianças da igreja, dentre outros. Assim sendo, na AIECB, para a mulher que é missionária e ao mesmo tempo esposa de pastor - como se pode constatar nos relatos do livro de biografias das pioneiras e nas entrevistas aqui apresentadas, respaldadas em estudos anteriores – a identidade que se destaca para os crentes da sua comunidade é a identidade de a “esposa de pastor”, a qual se confunde com a de mãe e dona de casa extensiva a todas as “ovelhas” –, e não a identidade de missionária, da mulher teologicamente apta, preparada e “chamada” por Deus para realizar determinadas funções teológicas.

Referências

ALIANÇA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL (AIECB). (2011). *Constituição da ALIANÇA*. João Pessoa, PB, 21p.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. (2008). *Costurando certo por linhas tortas: um estudo e práticas femininas no interior de igrejas pentecostais*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 315 p.

BEAUVOIR, Simone. (1980). *O segundo sexo*. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CARDOSO, Douglas. Nassif. (2001). *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor.

_____. (2005). *Cotidiano Feminino no 2º Império*. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor.

CARMO, Jeane Noronha do. (2004). *Gênero e Hierarquia na AIECB – Aliança de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*. Monografia (Especialização em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 42 p.

DEPARTAMENTO NACIONAL FEMININO DA A.I.E.C.B. (1997). *Biografias das servas de Deus que com suas vidas e ministérios foram bênçãos para nossa Denominação*. Campina Grande, PB: Direção geral do Departamento Nacional da A.I.E.C.B.

DUSILEK, N. (2003). *Mulher sem nome: dilemas e alternativas da esposa de pastor*. São Paulo: Vida.

FONSECA, Peggy. Smith. (2009). “Casada com meu próprio pastor”. In: LAMP, Barbara (org.). *Fragilidade e força: mulheres no ministério cristão*. João Pessoa: Betel Publicações. p. 107-115.

- FURLIN, Neiva. (2011). “Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico”. In: *REVER*, v. 11, n. 1, p. 139-164. <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034/4380>> Data de acesso: 15 de janeiro de 2012.
- HAHN, Carl. Joseph. (1989). *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE.
- JESUS, Fátima Weiss de. (2003). *As mulheres sem tranças”: uma etnografia do ministério pastoral feminino na AICLB*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 124p.
- KALLEY, Sarah. Poulton. (2005). “A Alegria da Casa”. In: CARDOSO, Douglas. Nassif. *Cotidiano feminino no segundo império*. São Bernardo do Campo (SP): Ed. do Autor.
- MEER, Antonia Van Der. (2009). “A mulher solteira no ministério”. In: LAMP, Barbara. (org.). *Fragilidade e força: mulheres no ministério cristão*. João Pessoa: Betel Publicações. p. 52-57.
- PINEZI, Ana. Keila. (2004). “Gênero e Hierarquia entre protestantes históricos”. In: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, SP:PPGCR/UMESP, 2004.
- REYLE, Duncan. Alexander. (1997). *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. 2ª edição. Campinas, CEBBEP; São Bernardo do Campo: Editeo.
- ROCHA, Fernanda. (2008). *Mulheres ideais: uma análise do processo de construção e de manutenção das representações sociais das esposas de pastores batistas de Curitiba, PR*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 159 p.
- ROHDEN, Fabíola. (1997) Catolicismo e Protestantismo: O feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, SP, Vol. 8/9. <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu08.03.pdf>>. Data de acesso: 09 de dezembro de 2011.
- ROSADO, Maria José. (2001) O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*. (16), p. 79-96. <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>>. Data de acesso: 10 de junho de 2010.
- SILVA, Sílvia Regina de Lima. (1994) Teologia Feminista Latino-americana. *II Consulta de Teologia e Culturas Afro-americanas e Caribenhas*. . <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/atab/cons22.html>> Data de acesso: 11 de junho de 2012.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. “Feminismo no Brasil: trajetória e perspectivas”. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 51-66.